

Educação em

Relatório divulgado no início do mês de novembro pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) mostra que o Brasil subiu uma colocação no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 2011. Aparecemos no 84º lugar em um ranking de 187 países, sendo a Noruega, na Escandinávia, a primeira, e a República Democrática do Congo, na África, a última.

Porém, quando se considera apenas a escolaridade real da população, a situação brasileira é semelhante à de países africanos bem mais pobres. Ou seja, a escolaridade real brasileira é de apenas 7,2 anos, in-





baixa no IDH

dice próximo ao de nações como Suazilândia e Gana, na África. O que causa algum otimismo é que o relatório aponta que o País tem hoje uma expectativa de 13,8 anos de estudos - mas ainda é uma perspectiva.

Os dados do relatório demonstram que, de 1980 a 2011, a média de anos de escolaridade do brasileiro aumentou de 2,6 para 7,2, ou seja, 177%, mas, apesar do avanço, a taxa de alfabetização de adultos no Brasil, de 90%, é inferior aos índices de países vizinhos - Bolívia (90,7%), Chile (98,6%), Argentina (97,7%) e Uruguai (98,3%). A distância cresce quando se considera a taxa de escolarização em universidades, que é de 34,4% no Brasil e chega a 78,2% na Venezuela.

Conforme afirma o relatório, a situação da educação brasileira é um dos fatores que mais acentuam a desigualdade social do País, atrás apenas das diferenças de renda. Na última década, foram os avanços sociais que levaram o Brasil a melhorar seu IDH: de 2000 a 2009, a expectativa de vida aumentou para 73,5 anos.

Como se vê, a educação brasileira ainda apresenta problemas estruturais graves, que, segundo especialistas, não devem ser resolvidos em curto prazo. Embora o País tenha universalizado o Ensino Fundamental, itens como Educação Infantil, evasão do Ensino Médio e qualidade da aprendizagem persistem como grandes gargalos do sistema.

Os índices citados demonstram que temos um enorme objetivo a atingir, principalmente na esfera educacional, e precisamos começar já, primeiramente com um planejamento bem elaborado e duradouro, com continuidade de trabalho. Para aprimorarmos a educação, é necessário começar da base, pois é no alicerce que criaremos as condições básicas para conseguir uma educação e um desenvolvimento de qualidade. E tudo isso se resume a uma palavra mágica: gestão. O que falta ao ensino público brasileiro é um programa de gestão que capacite e atualize professores, dê respaldo e tranquilidade para que os profissionais que trabalham com a base da educação tenham condições e oportunidades de

desenvolver sua tarefa. Mas esse resultado só se consegue com planejamento.

Discute-se muito o aumento da dotação orçamentária para a educação brasileira, mas esse não é o principal problema, pois verba existe. O que falta é saber como gastá-la com parcimônia e planejamento. Percebe-se claramente, nas avaliações recentes, que a escola particular está bem acima dos índices da escola pública, e esses resultados somente são conseguidos graças a um bem elaborado projeto de gestão que os estabelecimentos privados realizam e colocam em prática. Aliás, o setor particular tem muito a oferecer, mas, infelizmente, os formuladores da política educacional brasileira ignoram esse avanço e preferem ficar nas estatísticas mundiais que demonstram que temos muito a evoluir na educação para nos colocarmos em patamares que os setores social e econômico já alcançaram. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieesp)

benjamin@einstein24h.com.br